

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS  
COORDENAÇÃO DE LETRAS

GEANICE DA SILVA SOUSA

**OS ATRAVESSAMENTOS DO SILÊNCIO, DO PODER E DA OPRESSÃO NO  
DISCURSO DE PERSONAGENS EM *SÃO BERNARDO*, DE GRACILIANO  
RAMOS**

PICOS – PI

2014

GEANICE DA SILVA SOUSA

**OS ATRAVESSAMENTOS DO SILÊNCIO, DO PODER E DA OPRESSÃO NO  
DISCURSO DE PERSONAGENS EM *SÃO BERNARDO*, DE GRACILIANO  
RAMOS**

Monografia realizada como parte das exigências para obtenção do título e graduado no Curso de Licenciatura Plena em Letras na UFPI, *Campus Senador Helvídio Nunes de Barros*, sob a orientação do Prof. Me Welbert Feitosa Pinheiro.

PICOS – PI

2014

**FICHA CATALOGRÁFICA**  
**Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí Biblioteca**  
**José Albano de Macêdo**

**S725a** Sousa, Geanice da Silva.

Os atravessamentos do silêncio, do poder e da opressão no discurso de personagens em São Bernardo, de Graciliano Ramos / Geanice da Silva Sousa. – 2014.

CD-ROM : 4 ¾ pol. (49 p.)

Monografia(Licenciatura em Letras-Português) – Universidade Federal do Piauí. Picos-PI, 2014.

Orientador(A): Profa. Me. Welbert Feitosa Pinheiro

1. Silêncio. 2. Poder. 3. Opressão. I. Título.

**CDD 801.95**

GEANICE DA SILVA SOUSA

**OS ATRAVESSAMENTOS DO SILÊNCIO, DO PODER E DA OPRESSÃO NO  
DISCURSO DE PERSONAGENS EM SÃO BERNARDO, DE GRACILIANO  
RAMOS**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura  
Plena em Letras, como pré-requisito para a  
obtenção do grau de Licenciatura em  
Letras/Português.

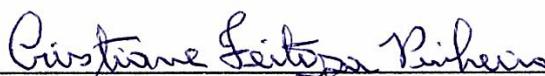
Monografia aprovada em 11 / 08 / 2014

**Banca Examinadora**



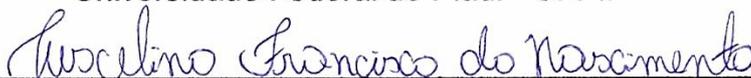
---

Prof. Me. Welbert Feitosa Pinheiro - Orientador  
Universidade Federal do Piauí - UFPI.



---

Prof<sup>a</sup>. Me. Cristiane Feitosa Pinheiro – Examinadora  
Universidade Federal do Piauí - UFPI.



---

Prof. Me. Juscelino Francisco do Nascimento – Examinador  
Universidade Federal do Piauí - UFPI.

*A Deus, meu criador e autor de meus sonhos, sem ele eu nada seria, meu amigo e confidente de todas as horas.*

*A todos que fazem da literatura um mundo possível, que não buscam perfeição, mas que sabem tirar o melhor desse mundo fantástico, agora, meu caro leitor, se queres ler um trabalho mecânico, sem liberdade de expressão e de conjecturar, recomendo que não leia, pois ele não está dedicado a você.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço...

Primeiramente a Deus, pelo dom da vida, por me deixar sonhar e realizar meus sonhos. A meus pais, Anízio e Santana, meus maiores apoiadores, por sempre acreditarem em meus sonhos, mesmo que não sejam simples ou esperados.

A minha família pela compreensão todas as vezes que não pude estar presente, pelas palavras de apoio. A minha irmã(zinha), Katia, por suportar minha irritabilidade, por sempre achar que ela estava de implicância comigo, coisas de irmã.

Ao Professor Mestre Welbert Feitosa Pinheiro pela orientação científica desta monografia, pelas conversas e disponibilidade com as quais conduziu este trabalho, sempre acreditando na capacidade de seus orientandos, mesmo quando nós duidávamos. A este sonhador lúcido ou lúcido sonhador, não sei.

Expresso minha gratidão a Professora Mestre, mui breve doutora, Cristiane Feitosa Pinheiro pelos debates e rigor crítico, sempre exigido no decorrer das disciplinas ministradas, pois isso me possibilitou uma maturidade crítica e, concordemos, um despertar de loucura.

A esses mestres, exemplos literários, que me ensinaram a ir além, a brincar com as palavras, arriscando-me nesse mundo onde a fronteira de lucidez e insanidade é uma só, gostaria de registrar a minha louca gratidão e admiração.

Aos professores da Graduação, pelos ricos conhecimentos lecionados, pela atenção prestada e por nos dar a oportunidade de trilhar o caminho do saber de forma autêntica e humana.

Aos colegas, amigos e amigas de caminhada, em especial meus irmãos e irmãs, a saber: Erismar Sousa, Lorena Moura, Roseângela Belo, Cibelle Macêdo, Raquel Barros, Maria Elenilde, Maria Denilma e Sérgio Ribeiro. Agradeço o incentivo e amizades permanentes, construídos no decorrer desses anos, os quais marcaram positivamente minha breve-longa vida.

Gostaria de destacar minha consideração mais que especial à amiga Roseângela Belo, pelos debates críticos, pelas semelhanças e diferenças de ideias, pelos desabafos e frustrações que vivemos juntas, optando por esse mundo alucinante da literatura.

Sou grata às amigas Raila Silva e Ivalquete Sobrinho pelo apoio sempre presente, a Erismar Sousa que se mostrou um irmão nesse percurso trilhado e, que juntamente com Vicente Neto, mediaram risos fáceis nos poucos, porém felizes momentos de descontração.

Não poderia jamais deixar de manifestar reconhecimento a todas as minhas amigas e companheiras do coral *Renascer* que compreenderam minhas ausências e me apoiaram, sem limites.

A todos que possibilitaram essa conquista muitíssimo obrigada e, por último, não menos importante, as longas, às vezes breves madrugadas, fiel amiga dos que almejam “algo mais”.

*A literatura, como toda arte é uma confissão de que a vida não basta.*

*Fernando Pessoa*

## RESUMO

Esta monografia apresentou um estudo literário acerca da obra São Bernardo de Graciliano Ramos, procurando interpretar as peculiaridades nela existentes para assim, a partir do discurso compreender as ideologias e o humano que lá existem, para tal analisou-se *como o silêncio, o poder e a opressão contribuem para o silenciamento das personagens Madalena e Paulo Honório?* Fez-se ainda uma análise da relação poder e opressão bem como da personagem como caracterização do real com intuito de revelar o humano presente na obra estudada, para tal, adotou-se como método a pesquisa bibliográfica, que consiste na análise de dados a partir de fontes escritas, como também a pesquisa eletrônica, esta sendo um instrumento secundário, uma vez que existem em endereços eletrônicos informações (dissertações, artigos) que contribuíram para o desenvolvimento da pesquisa. A obra estudada faz parte do Modernismo, movimento literário caracterizado pela representação do meio social, a caracterização do humano. Graciliano Ramos, representante da segunda fase, apresenta em suas obras um desmascaramento social, através de uma linguagem concisa o autor nos apresenta o humano em condições desumanas, seus personagens não possuem voz, quando possuem não têm domínio sobre ela, portanto, a partir duma análise objetivou-se identificar os atravessamentos do silêncio, do poder e da opressão como forma de denúncia social na obra estudada, levando em consideração os discursos das personagens. A obra apresenta um referencial teórico, respaldando-se nos conceitos de Alfredo Bosi, Afrânio Coutinho, Umberto Eco, Antonio Candido, Márcio Alves da Fonseca, Roland Barthes, Carlos Reis e Vitor Manuel de Aguiar e Silva, além dos conceitos de Foucault em torno da categoria discursiva, como também de Orlandi no que se refere ao silêncio, dentre outros que serviram de apoio para o desenvolvimento da pesquisa. A presente monografia procurou relacionar os elementos estudados com a teoria literária, além de apresentar uma breve contextualização. Sendo assim, esta pesquisa resulta de um estudo literário que busca a essência humana da obra, e não seu lado mecânico, onde o estudo revelou que o silêncio significa e é uma forma de poder e opressão e, que o mesmo tanto levou Madalena quanto Paulo Honório ao suicídio, seja ele físico ou psicológico.

**Palavras-chave:** Silêncio, Poder, Opressão, São Bernardo.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	111
<b>1 DIÁLOGOS TEÓRICOS</b> .....	145
1.1 Literatura: o quê e por quê .....	155
1.2 Do Texto literário a seus artifícios .....	166
1.3 Discurso literário e seus objetos.....	199
1.3.1 Silêncio.....	212
1.3.2 Poder e Opressão .....	222
1.4 De Graciliano a São Bernardo.....	234
<b>2 METODOLOGIA</b> .....	256
<b>3 ANALOGIAS: analisando o signo</b> .....	267
3.1 São Bernardo .....	277
3.2 A Coruja e o despertar .....	288
3.3 A santa pecadora .....	30
3.3.1 O perseguidor perseguido .....	311
<b>4 DE CRIAÇÕES ARTÍSTICAS A OBJETOS DE ESTUDO</b> .....	334
4.1 Paulo Honório: Um humano desconhecido .....	334
4.2 Madalena: De proprietária a objeto de consumo.....	366
4.3 Sujeito: relação de poder e opressão .....	377
4.3.1 O poder X poder: um paradoxo .....	399
4.4 O silêncio delator.....	401
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	445
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	467

## INTRODUÇÃO

Reproduzo o que julgo interessante. Suprimi diversas passagens, modifiquei outras.

Graciliano Ramos

Este estudo pretende fazer uma análise sob uma perspectiva de leitura que visa o humano presente na obra *São Bernardo*, de Graciliano Ramos, não apenas o social, o qual será utilizado como instrumento na finalidade de compreender as atitudes de Paulo Honório.

Sob essa perspectiva, far-se-á uma análise dos atravessamentos do silêncio, do poder e da opressão no discurso de personagens da obra. A análise será feita com intuito de discutir como o silêncio, o poder e a opressão contribuem para o desenvolvimento das personagens Madalena e Paulo Honório?

Sendo este tema uma constante em pleno século XXI, ele mantém-se atual na sociedade “pós-moderna”. Tais discursos estão no auge social, onde o poder pertence a poucos a censura e o conformismo a muitos, que não possuem nem “querem” ter voz.

A preferência pela obra não foi irrefletida, ao contrário, foi fruto de uma análise onde se pode perceber elementos outrora estudados e almejados para realização deste trabalho, além da escrita meticulosa do autor, pois ele difunde ideologia e estilo. Conforme Stegagno Picchio (2004), o homem por ele caracterizado é igual sua escrita: seco, frio, sem alegorias, clássico.

Publicada em 1934, a obra pertence à escola do Modernismo, sendo um movimento literário caracterizado pela representação do meio social, sobretudo a caracterização do humano, e que teve início no Brasil em 1922, ano do Centenário da Independência, com a “Semana de Arte Moderna” cujo término foi em 1945, ano do fim da Segunda Guerra Mundial, período de transição entre o Modernismo e as novas tendências Contemporâneas.

A Semana de Arte Moderna foi um ponto de encontro cultural que reuniu grupos de artistas e suas tendências estéticas, que consolidou o Modernismo no Brasil, no entanto esse movimento literário não surgiu precisamente em 22 sendo que é possível pensar num pré-modernismo, já que tal movimento surgiu após a Primeira Guerra de 1914-1918 (COUTINHO, 2005).

O Modernismo pode ser dividido em três fases, a primeira, de Ruptura que vai de 1922 a 1930; a segunda, de 1930 a 1945 caracterizava o Pós-modernismo e a terceira a fase Esteticista, também chamada de Geração 45. Contudo, nos ateremos exclusivamente à segunda fase, na qual a obra está situada.

O contexto histórico-social da segunda fase, especificamente a década de 30, que corresponde ao período da Era Vargas, caracteriza-se por crises sociais, econômicas e políticas, momento em que a produção literária brasileira se destaca por colocar-se a serviço duma análise crítica da realidade.

A década de 30 deu sequência às propostas de 22 de representação social, porém não com o mesmo otimismo, sendo que os romances da segunda fase trazem, em seu interior, a figura do homem protagonista de uma sociedade corrompida, portanto, conforme os autores desse período, sem solução.

Nesse segundo momento do Modernismo, há um avanço estético e ideológico na escrita dos autores da época. Estes descrevem com maior precisão o humano frente aos meios sociais que habitam, a linguagem é concisa, os romances escritos têm em sua essência um desmascaramento, denunciam o poder de poucos sobre muitos.

Entre os autores da época, Graciliano Ramos merece destaque, pois em suas obras tal concisão na escrita torna-se ainda mais precisa, ele fala de forma sucinta da marginalização social do homem, sem deixar de lado o psicológico, com um vocabulário “seco, enxuto, essencializado” ele fala do humano, de seus medos, angústias, dúvidas. O autor traz o social ao lado do psicológico, em cada palavra.

Graciliano Ramos apresenta, em suas obras, preocupações com questões políticas e socioeconômicas. Em *São Bernardo* não seria diferente, personagens distintas compõem a narrativa, dentre elas Madalena, uma professora “escrava” do medo e o fazendeiro Paulo Honório cuja maior preocupação, de acordo Stegagno Picchio (2004), é a conquista de uma propriedade (seja a terra de São Bernardo ou a mulher Madalena).

Graciliano “dá voz” ao contraditório narrador-personagem, Paulo Honório, o qual detém o poder, não dando voz nem vez aos demais, decorrência duma sociedade impiedosa e corrompida socialmente, contudo, mesmo dominando aos demais, ele não possui o poder da palavra/oratória. Outra figura notável é Madalena, que domina

a oratória, mas não possui voz, devido o despotismo do marido; deste modo, o limite que há nos discursos de dominador e dominado ora é imperceptível ora é espantoso.

Sendo assim, observar o discurso de tais personagens constitui-se uma necessidade, pois se trata de um retrato sofrível de personalidades que vivem à margem do poder, e não possuem voz frente a uma sociedade déspota, Stegagno Picchio (2004) afirma que o indivíduo presente nas obras de Graciliano é um solitário e um frustrado, que não tem nenhuma confiança nos seus semelhantes, nem em si mesmo.

Portanto, estudar a obra *São Bernardo* é essencial para interpretar as peculiaridades nela existentes e, assim, a partir do discurso compreender as ideologias e o humano que lá existem, sendo a literatura um reflexo da sociedade, ou conforme Barthes (1979) uma criação humana e espelho do homem e de seu mundo, testemunha da história sob uma roupagem estética.

Para tal, examinar-se-á o discurso, que para Foucault (2004) devem ser tratados como práticas descontínuas, que se cruzam por vezes, mas também se ignoram ou se excluem.

Em *São Bernardo*, o silêncio é uma forma de provocação, de despertar, pois através de uma linguagem concisa, às vezes ríspida, o autor dá voz às camadas sociais baixas, “caracterizando-as” por meio de frases curtas e contidas.

A palavra chega a ser vista negativamente, já que devido seu poder de oratória Madalena é, constantemente, reprimida pelo marido Paulo Honório, o qual detém o poder.

É a partir dos atravessamentos do silêncio que se pode identificar ainda o discurso do poder e da opressão, sendo a resignação de Madalena atribuída ao medo que sente do marido, pois o medo constitui-se um instrumento de domínio. Segundo Orlandi (2009), as relações de poder, em uma sociedade como a nossa, produzem sempre a censura, de tal modo que há sempre silêncio acompanhando as palavras.

Assim sendo, estudar tal problemática será desafiador, já que se objetiva compreender o humano que há presente nas entrelinhas do texto, para tal pretende-se “ouvir” o que essas personagens têm a dizer através de seus discursos, o qual será feito por meio da análise da obra, bem como de fontes bibliográficas, onde serão cruzadas as informações, as quais irão compor a monografia que se apresentará em quatro capítulos, antecedida por uma introdução e seguida das considerações finais.

No primeiro capítulo, **Diálogos Teóricos**, foi feita a análise teórica, base do trabalho, onde foram apresentados os elementos pesquisados, bem como teóricos, dentre eles estão, BOSI (2012), COUTINHO (2004, 2005) ECO (2012; 1997), FOUCAULT (2004; 2000), ORLANDI (2011), CANDIDO (2006; 2009), FONSECA (2003) BARTHES (2007; 1979), REIS (1999), AGUIAR E SILVA (1999), dentre outros que serão de suma importância.

No segundo capítulo, **Metodologia**, foi feita uma abordagem do tipo de pesquisa escolhido, bem como as características da mesma.

No terceiro capítulo, **Analogias: o enigma do símbolo presente na obra**, tratou-se de uma conjectura, onde procura-se compreender as analogias que há entre os nomes dos personagens e elementos característicos da obra.

No quarto capítulo, **De Criações Artísticas a Objetos de Estudo**, fez-se uma análise dos personagens, instrumentos para consolidação desse trabalho, bem como dos objetos estudados, a saber: silêncio, poder e opressão.

## 1 DIÁLOGOS TEÓRICOS

A presente pesquisa, de natureza bibliográfica, teve por intuito adentrar a tessitura textual da obra São Bernardo, para, pelo viés crítico-literário, analisar elementos extra e intratextuais, objetivando desvelar o texto literário para, assim, identificar o silêncio, o poder e a opressão como formas de denúncia social na obra, considerando os discursos das personagens Madalena e Paulo Honório.

Cada autor e/ou crítico ativeram-se ao estudo literário, uns ao lado histórico, outros ao psicológico, ou aos elementos textuais, enfim cada um prendeu-se a um fato particular. Este estudo fixou-se ao silêncio, tomando por base a obra.

No entanto, como os demais trabalhos, por tratar-se de um estudo literário, faz-se imprescindível um estudo histórico acerca da literatura brasileira, pois, apesar de não ser um trabalho histórico, a história é inerente à escrita, sendo que a literatura tem por objeto o homem social, contextualizado em uma época.

### **1.1 Literatura: o quê e por quê**

Muitas vezes já nos deparamos com perguntas e obras que questionam *O que é Literatura*, muitos são os conceitos, teorias, uns semelhantes, outros divergentes, no entanto todos com o mesmo propósito, compreender o que é literatura e seu papel humanitário, através de elementos internos e externos.

Muitos são os autores que se dedicam a essa análise. Para o presente estudo serão tomados por base Culler (1999), Barthes (2007; 1979), Compagnon (2009), dentre outros que serão apresentados no decorrer do estudo, para assim, estudarmos algumas teorias literárias. Segundo Compagnon (2009, p. 18 - 39):

Teoria não quererá dizer nem doutrina nem sistema, mas atenção às noções elementares da disciplina, elucidação dos preconceitos de toda pesquisa ou, ainda, perplexidade metodológica. O dilema da arte social e da arte pela arte se torna caduco face a uma arte que cobiça uma inteligência do mundo liberta das limitações da língua.

Como se vê, não queremos com isso abandonar a essência literária, primordial a qualquer análise literária, mas sim ampliar o campo de estudo, sendo assim, Culler (1999), constantemente questiona o que é literatura, e, em algumas de suas definições, que sempre geram outros questionamentos, ele afirma (p. 34):

A literatura, poderíamos concluir, é um ato de fala ou evento textual que suscita certos tipos de atenção. Contrasta com outros tipos de atos de fala, tais como dar informação, fazer perguntas ou fazer promessas. Na maior parte do tempo, o que leva os leitores a tratar algo como literatura é que eles a encontram num contexto que a identifica como literatura: num livro de poemas ou numa seção de uma revista, biblioteca ou livraria.

Enquanto Culler (1999) estuda a literatura por uma linha de pensamento mais metódica, Barthes (2007; 1979) a estuda pelo viés “da emoção e do valor”. Em uma entrevista intitulada *O que é a literatura*, ele a define da seguinte forma (1979, p. 9):

Criação humana e espelho do homem e de seu mundo, testemunha da história sob uma roupagem estética, sua interpretação implica a necessidade de situá-la no complexo quadro histórico-social que constitui a base de toda criação humana.

Portanto, não basta “sabermos” o que é literatura, deve-se entender para que saber literatura, sendo assim estudar-se-á o livro *Literatura para quê?* de Compagnon (2009, p. 51) onde o mesmo afirma que “a Literatura nos ensina a melhor sentir, e como nossos sentidos não têm limites, ela jamais conclui, mas fica aberta”.

Contudo, pode-se dizer que não há *uma* teoria a respeito do que seja a literatura e de suas conveniências, mas possibilidades. Sendo assim, para esse estudo, com base nos autores aqui pesquisados, diremos que a Literatura é um fenômeno essencialmente social, onde as personagens que a compõem são caricaturas humanas as quais enfatizam, umas mais outras menos, problemas de caráter real em um universo fictício com intuito de despertar o seu público. Conforme Samuel (1986, p. 48), “a ficção é tanto mais real quanto mais for ficção: fingir é revelar”.

## 1.2 Do Texto literário a seus artifícios

Um texto é, segundo Eco (2012, p. 45), um universo aberto em que o intérprete pode descobrir infinitas interconexões. Eco (1997) faz uma analogia entre o texto literário e um bosque, ao comparar as trilhas do bosque às possíveis interpretações/significações do texto, pois segundo ele (p. 12):

Um bosque é um jardim de caminhos que se bifurcam. Mesmo quando não existem num bosque trilhas bem definidas, todos podem traçar sua própria trilha, decidindo ir para a esquerda ou para a direita de

determinada árvore e, a cada árvore que encontrar, optando por esta ou aquela direção.

Ele discorre a respeito do texto velado e oculto na tessitura textual, o qual deve ser preenchido e interpretado. A partir dessa perspectiva, analisar-se-á as entrelinhas do texto para melhor compreender o silêncio.

Consciente das múltiplas interpretações que um texto literário pode apresentar inserir-se-ão a esse estudo suas teorias para uma adequada interpretação textual. Eco (2012, p. 165) afirma que:

A tarefa de um texto criativo é mostrar a pluralidade contraditória de suas conclusões, deixando os leitores livres para escolher – ou para decidir que não há escolha possível. Nesse sentido, um texto criativo é sempre uma Obra Aberta. [...] mas aceito a afirmação de que um texto pode ter muitos sentidos. Recuso a afirmação de que um texto pode ter qualquer sentido.

Como se vê, o texto literário não é fechado, ao contrário, ele é aberto a interpretações, contudo nem toda interpretação é válida, uma vez que o texto apresenta caminhos que, mesmo divergentes, conduzem o leitor a um destino. Conforme o autor (2012, p. 93) “entre a intenção inacessível do autor e a intenção discutível do leitor está a intenção transparente do texto”, o constituindo uma obra aberta, e, portanto, passível a interpretações.

Não se almeja com este estudo assumir um *status* de leitor modelo pregado por ele, mas não fugir, e, tampouco, perder-se nas malhas textuais da obra em estudo.

Com uma linha de pensamento análoga, Barthes (1979) afirma que a literatura é puramente social, dotada apenas de uma roupagem estética, suas linhas trazem o humano e sua sociedade. Como afirma o autor (1979 p. 16):

A literatura está penetrada de socialidade, os materiais que utiliza provêm essencialmente da sociedade. Torna-se inconcebível escrever o texto mais ínfimo sem que por ele, de uma maneira ou de outra, passe a história e, portanto, a sociedade com suas divisões, seus conflitos, seus problemas.

Com embasamento no referido autor, entende-se que não existe obra literária sem uma base social, os autores/artistas sofrem influências do meio em que vivem, essencialmente humanos, suas expressões são produtos fieis da realidade e não uma cópia dela. Nessa mesma linha de pensamento, Candido (2009, p. 65-67) afirma que:

Quando toma um modelo na realidade, o autor sempre acrescenta a ele, no plano psicológico, a sua incógnita pessoal, graças à qual procura revelar a incógnita da pessoa copiada [...] O romance é incapaz de reproduzir a vida, seja na singularidade dos indivíduos, seja na coletividade dos grupos [...] Na medida em que quiser ser igual à realidade, o romance será um fracasso [...] O romance transfigura a vida.

Segundo Barthes (2007; 1979), tanto os elementos extratextuais como os intratextuais, que compõem o texto literário, devem ser de conhecimento do escritor para sua produção e do leitor para possíveis interpretações. Conforme linha teórica de Reis (1999) e Aguiar e Silva (1999), uma vez que discorrem a respeito desses elementos extra e intertextuais, descrevendo desde os períodos literários ao discurso.

Para analisar o texto literário é essencial conhecer as características que nele há, e a personagem é um desses elementos, indispensáveis à compreensão textual, portanto, far-se-á uma abordagem da sua importância. Segundo Reis (1999, p. 360-361):

Uma personagem é, pois, o suporte das redundâncias e das transformações semânticas da narrativa, é constituída pela soma das informações facultadas sobre o que ela é e sobre o que ela *faz* [...] A personagem é localizável e identificável pelo próprio nome, pela caracterização, pelos discursos que enuncia, etc.

Além de Reis (1999), outro autor que faz uma abordagem a respeito da personagem é Candido (2009), que afirma (p. 54, 55 e 59-60):

A personagem vive o enredo e as idéias, e os torna vivos [...] é um ser fictício [...] A personagem é complexa e múltipla porque o romancista pode combinar com perícia os elementos de caracterização, cujo número é sempre limitado se os comparamos com o máximo de traços humanos que pululam, a cada instante no modo-de-ser das pessoas.

Portanto, a personagem é uma representação do real, ela representa um povo, uma gente, em seu discurso encontramos ideologia, cultura, esta pode ser plana (previsível) ou esférica (imprevisível). Além da personagem, outro elemento constituinte do romance é o narrador. Conforme Reis (1999, p. 354-355):

O narrador é, em última instância, uma invenção do autor; sendo assim, é um facto que o autor pode projectar sobre o narrador determinadas atitudes ideológicas, éticas, culturais, etc., que perfilha, o que não quer dizer que o faça de modo directo e linear, mas

eventualmente cultivando estratégias ajustadas à representação artística dessas atitudes: ironia, proximidade relativa, construção de um *alter ego*, etc.

O narrador é uma criação que relata não só o que acontece ou aconteceu, mas o que poderia acontecer, sonhos e desejos, ideologias de seu criador. Pode-se também, com base em Candido (2009, p. 26), afirmar que:

O narrador fictício não é sujeito real de orações, como o historiador ou o químico; desdobra-se imaginariamente e torna-se manipulador da função narrativa (dramática, lírica), como pintor manipula o pincel e a cor, não narra **de** pessoas, eventos ou estados; narra pessoas (personagens), eventos e estados. [grifos nossos]

Como se vê, o narrador é um elemento de criação do autor e como tal, é manipulado a sua vontade, ele relata todo enredo sobre sua perspectiva. Na obra estudada, há um narrador **autodiegético**, assim designado, pois, além de narrador, ainda é a personagem principal da história.

Tais elementos são indispensáveis a qualquer análise literária, por tratarem-se de elementos que compõem a tecido textual. Contudo, será por meio da análise do discurso que se pretende estudar os atravessamentos do silêncio, do poder e da opressão, e assim identificar o humano através do sujeito social.

### 1.3 Discurso literário e seus objetos

Para indagar sobre o discurso, faz-se necessário compreendê-lo. Pra tal serão utilizados os estudos de Proença Filho (1995), que faz um estudo acerca da linguagem, destacando bem as características do discurso literário, como ainda Foucault (2004) que afirma que o discurso está na ordem das leis. Conforme Foucault (2004, p. 49):

O discurso nada mais é do que a reverberação de uma verdade nascendo diante de seus próprios olhos; e, quando tudo pode, enfim, tomar a forma do discurso, quando tudo pode ser dito e o discurso pode ser dito a propósito de tudo, isso se dá porque todas as coisas, tendo manifestado e intercambiado seu sentido, podem voltar à interioridade silenciosa da consciência de si.

Foucault indica nessa passagem, que o discurso não é uma simples sequência de palavras, mas um modo de pensamento que se opõe à intuição, é um prática social

que vai além do que é dito, engloba noções do pensamento, o que é pensado significa tanto quanto, ou mais, o que é verbalizado.

Em *São Bernardo*, o discurso compõe a base de produção dos conflitos humanos, já que é este artifício o principal motivo de discórdia de Paulo Honório e Madalena. Já, para Proença Filho (1995, p. 7; 8):

A fala ou discurso é, no uso cotidiano, um instrumento da informação e da ação e não exige, no mais das vezes, atitude interpretativa. [...] A fala comum se caracteriza pela transparência. O mesmo não acontece com o discurso. [...] O discurso literário traz, em certa medida, a marca da opacidade.

Ainda conforme Barthes (2007, p. 170), “discurso literário: é um discurso no qual se acredita sem acreditar, pois o ato de leitura se funda num torniquete incessante entre dois sistemas: vejam minhas palavras, sou linguagem; vejam meu sentido, sou literatura”.

Enfim, essa análise discursiva será fundamental para melhor adentrarmos no cerne interpretativo da obra. Contudo, a análise do discurso que se fará não abrangerá a estrutura linguística do texto, mas os atravessamentos do silêncio, do poder e da opressão como formas de denúncia social, para assim compreender a dualidade entre dominador e dominado, além de entender como a condição humana de Paulo Honório foi suprimida, em partes da obra, pelo sua natureza animalesca. Proença Filho (1995, p. 40 e 41) afirma que “a linguagem literária é eminentemente conotativa [...] Seu espaço de criação é o da *liberdade*” [grifos nossos].

Segundo Samuel (1986 p. 42-43):

Não podemos, pois, tentar compreender a natureza da literatura, atentando apenas aos recursos retórico-estilísticos ou à estrutura lógico-textual [...] o significado da estrutura era a estrutura do significado. Todo autor está emaranhado, em seu fazer poético, numa rede de linhas de relações que independem dele e que influirão decisivamente no tecer a sua obra.

Observa-se que, o estudo literário respalda-se na liberdade, mesmo que se estude elementos internos que compõem a obra, o real da literatura está em sua significação, seus elementos internos são indissociáveis dos externos.

Foucault (2000) fala acerca dessa relação que há entre a literatura e a linguagem, pois conforme o autor “a literatura, no sentido rigoroso e sério da palavra,

[...], não seria mais do que a linguagem iluminada, imóvel e fraturada que, hoje, temos que pensar”. Como já foi mencionado, a obra literária tem caráter humanizador, e isso é possível através de uma escrita bem elaborada, novamente retoma-se a ideia de complementação entre os elementos internos e externos da obra.

Assim sendo, tal estudo a respeito do discurso será essencial, pois no discurso estão presentes ideologias, a “ideologia faz parte, ou melhor, é a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos”, além de haver ainda o dito e o não dito (silêncio), que pode ser considerado um instrumento de significação. De acordo com Foucault (2004 p. 8-9) o discurso é ao mesmo tempo controlado, selecionado, organizado e redistribuído, não se tem o direito de dizer tudo, não se pode falar tudo em qualquer circunstância, qualquer um não pode falar de qualquer coisa.

Uma vez estudado o discurso, será analisado o silêncio na obra *São Bernardo*, pois segundo Orlandi (2011) “o silêncio é o real do discurso”. Orlandi (2011 p. 31-32-41) afirma:

O silêncio não fala. O silêncio é. Ele *significa*. Ou melhor: no silêncio o sentido é. A fala divide o silêncio. Organiza-o. O silêncio é disperso, e a fala é voltada para a unidade e as entidades discretas. Formas. Na literatura em geral, o silêncio é fundamental.

Mediante o excerto acima, é importante ressaltar que o silêncio é não é só a ausência de palavras, mas o implícito dos sentidos, de acordo com Foucault (2004, p. 26) “o novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta”.

### 1.3.1 Silêncio

O silêncio pode receber, conforme Orlandi (2011), diferentes nomenclaturas, contudo não se deve ater a tais terminologias, já que o trabalho enfocará o silêncio enquanto discurso, com intuito de analisar a obra. Conforme Orlandi (2011 p. 68-69):

O silêncio não é o vazio, ou o sem-sentido; ao contrário, ele é o indício de uma instância significativa. Isso nos leva à compreensão do “vazio” da linguagem como um *horizonte* e não como *falta*. [...] o silêncio não está apenas “entre” as palavras. Ele as atravessa. Acontecimento essencial da significação, ele é matéria significante por excelência. [grifos nossos]

Como se vê, o silêncio não é o vazio que muitos pensam, as obras são dotadas de silêncio, e este é proposital, o mesmo é utilizado, consciente ou inconscientemente, como instrumento interpretativo.

Quanto às formas de silêncio, a autora assegura (2011, p. 29) que, “em face dessa sua dimensão política, o silêncio pode ser considerado tanto parte da retórica da dominação (a da opressão) como de sua contrapartida, a retórica do oprimido (a de resistência)” .

O silêncio tanto é uma forma de esconder o passado e seus medos, quanto uma forma de denúncia, de revelar algo oculto. O silêncio é significante. Conforme Orlandi (2011 p. 102), o silêncio não fala, ele significa. É, pois, inútil traduzir o silêncio em palavras; é possível, no entanto, compreender o sentido do silêncio por métodos de observação discursivos.

### 1.3.2 Poder e Opressão

Em virtude de o estudo analisar o discurso das personagens com intuito de identificar o humano presente na obra, serão de suma importância os estudos de Foucault (2004; 2000), o qual fala da constituição do sujeito e do poder, que são indispensáveis à análise e realização do trabalho. Conforme Fonseca (2003 p. 28-29):

Não se trata de analisar o poder do ponto de vista de sua racionalidade interna, mas de pensar nas relações de poder a partir do confronto das estratégias de poder/resistência. [...] **a oposição do poder dos homens sobre as mulheres**, dos pais sobre os filhos, da psiquiatria sobre os doentes mentais, da medicina sobre a população, **da administração sobre a maneira de as pessoas viverem**. [grifos nossos]

Diante disso, pretende-se analisar a relação de poder e resistência (opressão), a partir da oposição de poder entre homem (Paulo Honório) e mulher (Madalena) e sua posição familiar frente a uma sociedade patriarcal.

Para tal, ainda serão vistas teorias de Foucault (2004), que discursa a respeito das práticas discursivas, como e para quem elas funcionam socialmente em seus distintos setores do poder. Conforme o autor (2004, p. 68):

Poderíamos considerar, também, as séries de discursos [...] trata-se, então, de conjuntos de enunciados muito heterogêneos, formulados pelos ricos e pelos pobres, pelos sábios e pelos ignorantes, protestantes e católicos, oficiais do rei, comerciantes ou moralistas.

Com base nas lições de Foucault, pode-se dizer que os discursos, especificamente os de personagens literários, trazem em si mais que simples palavras, trazem ideias, neles estão contidas culturas, as quais estão envolvidas numa escala de poder, distribuídos conforme uma pirâmide de *status* social.

Foucault (2004; 2000) trabalha em seus estudos questões sociais, na sua maior parte sobre o poder e o sujeito que o detém, ainda fala a respeito da sexualidade, tema ainda preso aos *tabus* social, contudo tal projeto ater-se-á apenas às relações de poder. De acordo com Fonseca (2003, p. 30):

A ausência desse estudo sobre o poder implicaria o abandono dessa via de compreender o sujeito moderno, sujeito preso a relações essenciais de sua constituição, ao lado das relações de produção e de significação. Uma vez que o poder é analisado segundo a perspectiva das estratégias de que ele se utiliza em domínios diversos da vida cotidiana dos indivíduos, é impossível pensar a seu respeito sem se estar pensando na própria constituição do sujeito, em decorrência da vinculação direta e necessária entre essa constituição e os domínios da vida cotidiana investidos pelas relações de poder.

Como se vê, estuda-se o poder não para entendê-lo, mas para por meio dele desvendar as implicaturas do sujeito perante uma sociedade, que o constitui e o significa. Enfim, estudar-se-á o poder para entender suas diferentes faces e como o mesmo pode ser um paradoxo, já que ele constitui-se tanto um elemento de dominação quanto de opressão.

#### **1.4 De Graciliano a São Bernardo**

O autor pernambucano, Graciliano Ramos, nasceu em 1892 e faleceu em 1953. Enquanto jornalista foi possuidor de uma linguagem concisa, enquanto escritor, escreveu inúmeras obras de cunho literário, as quais retratam uma época e um povo. Bosi (2012, p. 429) afirma que Graciliano via em cada personagem a face angulosa da opressão e da dor. De acordo com Bosi (2012, p. 430):

É em *São Bernardo* que o foco narrativo em primeira pessoa mostrará a sua verdadeira força na medida em que seria capaz de configurar o

nível de consciência de um homem. [...] *São Bernardo* ficará, na economia extrema de seus meios expressivos, como paradigma de romance psicológico e social da nossa literatura.

Graciliano faz parte da estética denominada Modernismo, mais precisamente da segunda geração, na qual os autores que nela se enquadram têm uma demasiada preocupação social, sendo o contexto social da época propício a esse tipo de inquietação estético-ideológico, principalmente a literatura enquanto instrumento de denúncia social.

Escrita em 1934, *São Bernardo* tem por contexto crises político-econômicas, é uma obra que traz em sua tessitura uma denúncia social. Segundo Bosi (2012), é um romance que analisa, agride e protesta, onde o humano é desmascarado e mostra-se como é, um produto corrompido e marginalizado socialmente.

Tendo Graciliano percorrido pela linha do regionalismo, a obra ambientaliza-se no Nordeste, o que contribuiu ainda mais para enriquecer o autoritarismo presente na obra, sendo que a seca e o “acelerado declínio do Nordeste” contribuíram para dar ênfase à autoridade do personagem Paulo Honório, o qual, conforme Bosi (2012, p. 430), “tendo conquistado a duras penas um lugar ao sol, absorveu na sua longa jornada toda a agressividade latente de um sistema de competição. Paulo Honório cresceu e afirmou-se no clima de posse”.

Sendo a literatura um reflexo da sociedade, será de suma importância um estudo sociológico, para tal apoderar-se-á das obras de Antonio Candido (2006), bem como da crítica sociológica de Silva (2005).

Silva (2005) observa a mesma linha de pesquisa de Candido, ela o cita (p. 131) na crítica sociológica, onde este afirma que “entende que a arte tanto é influenciada pela sociedade quanto a influencia”, ela ainda afirma que a “literatura não é um fenômeno independente, nem a obra literária é criada apenas da vontade e da “inspiração” do artista”, deste modo, com base em seus estudos, pode-se definir o texto literário como intrínseco à realidade.

Candido (2006; 2009) aborda em suas obras tanto elementos textuais, como a personagem, componente essencial à obra, como também elementos histórico-sociais da literatura e sociedade brasileira, sendo de suma importância um recorte temporal quando se trabalha a sociedade, especificamente quando se utiliza a obra como fonte de denúncia social.

Contudo, vale ressaltar que tais estudos históricos e sociais são para melhor situar a obra em seu contexto, para assim identificar as tradições e cultura na qual ela está inserida, no entanto o foco desse estudo será a obra em si e os discursos que revelam o humano que nela há.

Partindo desse pressuposto serão acrescidas as teorias de Coutinho (2004), a respeito da obra em estudo, a qual segundo Coutinho (2004 p. 391):

Trata-se de uma obra inquietante e de inquietação, denunciadora e angustiada, numa perquirição cruel trazida do auscultar constante do intercâmbio humano, num regionalismo nem um pouco reducionista e sim aberto para conter toda a experiência vital.

Entende-se que a obra é um instrumento de denúncia, seus personagens são transfigurações reais e muito têm a nos dizer, é fonte de saber, mas vai além da informação, nos instiga a pensar, portanto é possível afirmar que a obra estudada é essencialmente humana, onde a mesma traz em si um clímax de revolta e despertar.

## **2 METODOLOGIA**

O estudo realizado foi de cunho analítico, onde foram colhidos dados através de leituras de fontes bibliográficas que abordam o tema, pois se almejou uma adequada coleta de informações.

Uma vez que a argumentação deste trabalho teve por base as críticas literárias como também teorias que abordam elementos textuais e sociais, toda pesquisa constituiu-se bibliográfica, conforme Gerhardt e Silveira (2009 p. 69):

Pesquisa bibliográfica - Considerada mãe de toda pesquisa, fundamenta-se em fontes bibliográficas; ou seja, os dados são obtidos a partir de fontes escritas, portanto, de uma modalidade específica de

documentos, que são obras escritas, impressas em editoras, comercializadas em livrarias e classificadas em bibliotecas.

Ainda foi utilizada a pesquisa eletrônica para auxiliar na investigação a cerca do assunto, onde foram extraídas dissertações e artigos que continham informações que contribuíram para o desenvolvimento monográfico, contudo, esta foi apenas um instrumento secundário já que toda a atenção foi direcionada à análise das obras em questão. Gerhardt e Silveira (2009 p. 69) afirmam que a pesquisa eletrônica “é constituída por informações extraídas de endereços eletrônicos, disponibilizados em home page e site, a partir de livros, folhetos, manuais, guias, artigos de revistas, artigos de jornais, etc”.

Nessa perspectiva, fez-se imprescindível uma seleção crítica das fontes utilizadas, sendo ainda que o estudo sobre os atravessamentos nos discursos das personagens contribuirá para registro historiográfico da obra.

A teoria adotada foi a sociológica, já que, apesar de também estudar elementos textuais, examinou-se o social. Tal teoria serviu de ponto de apoio tanto para a análise dos fenômenos em questão quanto para estudar suas relações. Dessa forma, se realizou uma breve contextualização histórica da obra e do movimento modernista com o intuito de situar o leitor.

Enfim, a partir da análise da obra do autor foram feitas observações e conclusões sobre as relações estudadas tanto em relação à época na qual foi escrita como atualmente.

### **3 ANALOGIAS: analisando o signo**

*Um texto é um universo aberto em que o intérprete pode descobrir infinitas interconexões.*

*Umberto Eco*

Na literatura, constantemente nos deparamos com símbolos que parecem reles artifícios utilizados pelo autor para ilustrar sua obra. Em São Bernardo não seria diferente, contudo, como não há uma literatura inocente, tudo na obra é pacível a interpretação, desde que a mesma seja coerente à narrativa, já assegura Eco (2012).

Apesar de num trecho da obra Paulo Honório afirmar que “não há justiça nem há religião” (RAMOS, 2013, p. 18), no decorrer de toda história constantemente ele apresenta, conscientemente ou não, elementos religiosos. Sendo assim, tomar-se-á posse dessa liberdade literária e conjecturar-se-á alguns de seus elementos representativos, a começar pelo então título e nome da fazenda.

Portanto, no presente capítulo serão trabalhados os personagens principais, a partir do significados de seus nomes, uma vez que, eles trazem em si acepções que aludem aos elementos estudados, a saber, silêncio, poder e opressão.

### 3.1 São Bernardo

São Bernardo foi um Santo canonizado em 18 de junho de 1174. O terceiro de oito filhos, sempre se destacou pela inteligência e pela beleza física. Aos 9 anos foi para a escola canônica e destacou-se, principalmente, na literatura. Aos 25 fundou a Abadia de Claraval (vale claro), tornando-se o seu primeiro Abade, lugar onde se vivia a oração, o trabalho, a humildade, a caridade e a cultura profunda, diferentemente da fazenda São Bernardo, que era cenário de conflitos.

Bernardo tinha grande dom de oratória, convertia muitos com quem conversava, tanto que levou para o mosteiro o pai, tio e irmãos, onde chegou a ter 700 monges. Ele tornou-se personalidade importante por causa de sua fama de santidade e sabedoria, além de defender os direitos da Igreja contra abusos de Reis, chegando a ser chamado para aconselhar Papas e Reis.

Transfigurando tais características para a obra, as mesmas podem ser, em grande quantidade, identificadas em Madalena, que se destaca por sua beleza e inteligência, sendo que possuía forte oratória, caridosa, ajuda a todos os trabalhadores da fazenda lutando contra as injustiças do marido.

Em *São Bernardo* não é difícil encontrar citações que comprovem a afirmação acima, como quando Ramos (2013, p. 140) escreve:

- Falta alguma coisa lá no rancho?
- Falta nada! Tem tudo, a sinhá {Madalena} manda tudo. Um despotismo de luxo: lençóis, sapatos, tanta roupa! Para que isso? Sapato no meu pé não vai. E não me cubro. Só preciso uma esteira. Uma esteira e o fogo. [grifos nossos]

Além do excerto acima, há em outros trechos da obra exemplos da caridade e empenho de Madalena, que não se conformava com os afazeres domésticos, queria mais trabalhava, evolvia-se politicamente. Ramos (2013, p. 125, 173) escreve:

Pela manhã Madalena trabalhava no escritório, mas à tarde saía a passear, percorria as casas dos moradores. Garotos empalamados e beijudos agarravam-se às saias dela.

[...]

- Literatura, política, artes, religião... Uma senhora inteligente, a d. Madalena e instruída, é uma biblioteca. Afinal eu estou chovendo no molhado. O senhor, melhor que eu, conhece a mulher que possui.

Nesse trecho observam-se as características atribuídas a Madalena, umas, indiretamente, pelo esposo, outras por Padilha, o que acaba gerando conflitos devido o ciúme de Paulo Honório. Madalena importava-se com o bem estar dos funcionários, era boa em demasia, contrapondo-se com o marido.

São Bernardo (fazenda e livro) é um eixo do romance, mas não o principal, trata-se, assim como Madalena, de um palco para Paulo Honório, uma vez que tudo em São Bernardo é subordinado a ele, mesmo os que o contrariam.

### 3.2 A Coruja e o despertar

Também sendo reconhecida por habilidades físicas e intelectuais, a coruja é uma ave soberana da noite, alvo de superstições muitos a veem como uma ave sombria, para outros significa mistério, inteligência, sabedoria e conhecimento, ela tem a capacidade de enxergar através da escuridão, conseguindo ver o que os outros não vêem.

Madalena vê em Paulo Honório qualidades, ela mesma afirma que “o que estragou tudo” foi o ciúme que ele sentia, não mostrando nenhuma outra lamúria contra o marido. Enquanto que Paulo Honório vê apenas a suposta e obscura traição de Madalena. Como se vê no trecho a seguir, Ramos (2013, p. 188, 189):

Afirmar a mim mesmo que matá-la era ação justa. Para que deixar viva mulher tão cheia de culpa? Quando ela morresse, eu lhe perdoaria os defeitos.

[...]

Pareceu-me que havia ali um equívoco e que, se Madalena quisesse, tudo se esclareceria. O coração dava-me coices

desesperados, desejei doidamente convencer-me da inocência dela.

Como se pode observar, a culpa recai em Madalena, ela, não ele, é causadora dos conflitos, ela leva sobre si o mesmo presságio que a ave.

A coruja simboliza ainda a reflexão, o conhecimento racional e intuitivo. As corujas, em São Bernardo, são um sinal de alerta, elas, assim como Madalena, perturbam Paulo Honório, seus pios provocam fúria, desconfiança, perturbam-no tanto a ponto de ele mandar matá-las. Conforme Ramos (2013, p. 183):

Uma tarde subi à torre da igreja e fui ver Marciano procurar corujas. Algumas se haviam alojado no forro, e à noite era cada pio de rebentar os ouvidos da gente. Eu desejava assistir à extinção daquelas aves amaldiçoadas.

Percebe-se nesse episódio uma antecedência analógica dos fatos, sendo que as corujas simbolizam Madalena e esta, um pouco mais a frente, no mesmo episódio suicida-se, também sendo Paulo Honório, direta e indiretamente, o causador de sua morte, pois ambas, ave e mulher, o oprimem, pois são causadores de desconfiança e insegurança no narrador-personagem.

Além desses sentimentos, posteriormente, as corujas assim como Madalena provocarão um despertar racional/ intelectual, sendo que o pio das corujas que tanto o confundiram, agora o incitam a escrever. Como menciona Paulo Honório: “um dia ouvi novo pio de coruja – e iniciei a composição de repente, valendo-me dos meus próprios recursos e sem indagar se isto me traz qualquer vantagem direta ou indireta” Ramos (2013, p. 11).

### **3.3 A santa pecadora**

Partindo para análise simbólica de Madalena, retomando o viés de religiosidade da obra, percebe-se nessa personagem grande contradição, a principiar pela representatividade de seu nome, já que o mesmo remete a pecadora arrependida Maria Madalena. A respeito discorre Nóbregai e Santosii (2012, p. 4):

Enquanto que na Bíblia, a personagem (Madalena) é exaltada por seu arrependimento e submissão, a Madalena de Graciliano Ramos diferentemente, busca pela ação, acabar a diferenciação de papéis e

as injustiças sociais binárias entre homens e mulheres, entre patrão e empregado, desigualdades proporcionadas pela sociedade, historicamente constituídas e dela constitutivas.

Em *São Bernardo* a personagem Madalena não se prende as normas vigentes da época, onde a mulher era apenas um objeto de consumo, ela casa-se, mas assim como o esposo trata o casamento como um negócio, recusa-se a limitar-se aos trabalhos domésticos, prefere lecionar, depois trabalho no escritório com o marido.

O pecado da personagem era saber, seu arrependimento, não por ser sábia, mas por sucumbir as opressões do marido, a levou à morte, calou-se obedecendo assim as vontades dele. De acordo com Ramos (2013, p.194):

Arredei-as e estaquei: Madalena estava estirada na cama, branca, de olhos vidrados, espuma nos cantos da boca.  
Aproximei-me, tomei-lhe as mãos, duras e frias, toquei-lhe o coração, parado. Parado.  
No assoalho havia manchas de líquido e cacos de vidro.

Como se pode vê, o excerto descreve o suicídio de Madalena, nessa cena simbólica pode se perceber que ao suicidar-se ela cala-se, de certa forma obedecendo ao marido, e ao fazer isso cala a razão, restando à Paulo Honório um emaranhado de conflitos, remorosos e angústias.

Ainda com relação a seu nome, o mesmo, de acordo com o livro *O significado do seu nome* (s/d, p.74) vem do Hebraico e “significa magnífica. Pessoa discreta e observadora que prefere ouvir a falar. Está sempre analisando seus sentimentos e revela **preocupação com a vida espiritual**”.

De fato, a personagem é observadora, sabe ouvir e falar com eloquência, no entanto, não demonstra preocupação com a religião. Ramos (2013, p. 191), “estive rezando. Rezando, propriamente, não, que rezar não sei. Falta de tempo”.

Madalena era vista como uma jovem estudada, mas isso, para o marido, era um agravante. Paulo Honório chegou a afirmar: “não gosto de mulheres sabidas. Chamam-se intelectuais e são horríveis. Tenho visto algumas que recitam versos no teatro. Fazem conferências e conduzem um marido ou coisa que valha” (Ramos 2013, p. 158).

A jovem professora foi criada pela tia, sem escândalos, porém após casar-se é tida, pelo marido, como traidora, uma mulher sem religião, e uma mulher assim, é capaz de tudo.

### 3.3.1 O perseguidor perseguido

Paulo Honório não admite a ideia de ser menor que alguém perante a sociedade, no entanto, os elementos da obra, conjecturados, privilegiam Madalena, seu nome já o desfavorece. O nome Paulo, com base no livro *O significado do seu nome* (s/d, p. 87):

Do latim, significa “**pouco, pequeno**” e indica uma pessoa com muita disposição e um otimismo contagiante. Encara cada dia como um novo degrau para obter o desenvolvimento material e social. **Dono de uma ambição inata, planeja cuidadosamente os passos da sua caminhada para o sucesso.** [grifos nossos]

Como se vê, o significado de seu nome já lhe atribui características que se apresentam desde o início e no decorrer da obra. Ambicioso, Paulo não mede esforços para conseguir o que deseja. Meticuloso, planeja muito bem cada detalhe, torna-se amigo de Padilha, herdeiro da fazenda São Bernardo, afim de endividá-lo para assim comprar a fazenda, como se pode observar no trecho abaixo, Ramos (2013, p. 21):

Como que não quer nada, procurei avistar-me com Padilha moço (Luís). Encontrei-o no bilhar, jogando bacará, completamente bêbado. Está claro que o jogo é uma profissão, embroa censurável, mas o homem que bedo jogando não tem juízo. Aperuei meia hora e percebi que o rapaz era pexote e estava sendo roubado descaradamente. Travei amizade com ele e em dois meses emprestei-lhe dois contos de réis, que ele sapecou depressa na orelha da sota e em folhas de bacalhai e aguardente, com fêmeas ratuínas, n o Pão-sem-Miolo.

Vê-se, no trecho transcrito, a astúcia de Paulo Honório ao aproximar-se do herdeiro da fazenda, Padilha não passa de uma marionete nas mãos do narrador-personagem.

Ele tenciona o sucesso, propõe a escrita do livro pela divisão do trabalho, a ele restaria somente pagar o trabalho, pôr o nome e receber o reconhecimento. Em contra partida tem-se o nome Honório (s/d, p. 59):

Significa o que **merece honras** e indica uma pessoa que sempre é a primeira a tomar a iniciativa mais apropriada. Gosta muito de trabalhar com pesquisa ou ensino. *Tem consciência do seu valor e exige que os outros também o reconheçam. Caso contrário, se irrita.* Do latim “que inspira honra”. [grifos nossos]

Vê-se, o nome que vem em segundo plano e remete a características que também se apresentam em segundo plano, como o fato de seu nome remeter a ideia de inspirar e merecer honra, entretanto vale ressaltar que o mesmo mantém-se rústico, mesmo quando está sozinho não exterioriza seus sentimentos, suas fragilidades permanecem internas. Paulo Honório pensa, conforme Ramos (2013, p. 117-118):

Emoções indefiníveis me agitam – inquietação terrível, desejo doido de voltar, tagarelar novamente com Madalena, como fazíamos todos os dias, a esta hora. Saudade? Não, não é isto: é desespero, raiva, um peso enorme no coração.

[...]

A voz dela me chega aos ouvidos. Não, não é aos ouvidos. Também já não a vejo com os olhos.

Estou encostado á mesa, as mãos cruzadas. Os objetos fundiram-se, e não enxergo sequer a toalha branca.

– Madalena...

A voz de Madalena continua a acariciar-me. **Que diz ela?** Pede-me naturalmente que mande algum dinheiro a mestre Caetano. Isto me irrita, mas a irritação é diferente das outras, é uma irritação antiga, que me deixa inteiramente calmo. **Loucura** estar uma pessoa ao mesmo tempo zangada e tranquila. Mas estou assim. [grifos nossos]

O silêncio provocado pela ausência (morte) de Madalena perturba Paulo Honório, o silêncio o faz pensar e questionar o que sente, outro fato interessante é a descrição de como se sente, e o adjetivo utilizado para tal, “loucura”.

Ainda pelo viés religioso da obra, Saulo era um homem que perseguia os cristãos, depois de uma visão é “transformado” em Paulo, que agora como cristão passa a ser perseguido.

E SAULO, respirando ainda ameaças e mortes contra os discípulos do Senhor, dirigiu-se ao sumo sacerdote. Pediu-lhes cartas para Damasco para as sinagogas, a fim de que, se encontrasse alguns daquela seita, quer homens quer mulheres, os conduzisse presos a Jerusalém. E, indo no caminho, aconteceu que, chegando perto de Damasco, subitamente o cercou um resplendor de luz do céu. E, caindo em terra, ouviu uma voz que dizia: Saulo, Saulo, porque me persegues? [...] E ele, tremendo e atônito, disse: Senhor, que queres que faça? ( ATOS 9: 1-4, 6a)

Na obra, Paulo Honório é perseguidor, luta contra todos, principalmente contra a mulher, mas depois acaba se entregando aquilo que perseguiu, e tanto oprimiu, seus sentimentos, seu lado humanizado.

Os principais elementos da obra remetem a Madalena. Esta, por sua vez, “pertence” a Paulo Honório, portanto, atribuindo-lhe todas as suas conquistas e sua submissão, mesmo que ela lute contra, acaba cedendo à perseguição.

Com base nas análises, pode-se afirmar que os atravessamentos do silêncio principiam-se pela nomeação dos personagens, pois cada um tem uma representatividade e, portanto, uma significação inquietante, deste modo tudo na obra é expressivo.

#### **4 DE CRIAÇÕES ARTÍSTICAS A OBJETOS DE ESTUDO**

Como foi exposto antes, a personagem é uma representação do real, nela encontram-se traços distintos, são marcadores culturais, ao analisá-las pode-se encontrar traços de coletividade grupal como de singularidade dos indivíduos, pois o romance transfigura a vida.

Mediante isso, se analisará neste capítulo as personagens Madalena e Paulo Honório bem como as categorias de análises, características da obra, escolhidas para estudo.

##### **4.1 Paulo Honório: Um humano desconhecido**

Ao principiar da obra, Paulo Honório é apresentado como um ser ganancioso e ríspido que só deseja prestígio, quando propõe construir o livro “pela divisão de

trabalho”, a esse respeito pode-se constatar tal coisa no trecho a seguir, Ramos (2013, p. 7):

Padre Silvestre ficaria com a parte moral e as citações latinas; João Nogueira aceitou a pontuação, a ortografia e a sintaxe; prometi ao Arquimedes a composição tipográfica; para a composição literária convidei Lúcio Gomes de Azevedo Gondim, redator e diretor do *Cruzeiro*. Eu traçaria o plano, introduziria na história rudimentos de agricultura e pecuária, faria as despesas e **poria o meu nome na capa**. [grifos nossos]

Personagem principal, Paulo Honório não só vivencia como conta minuciosamente sua história. Através de recortes temporais, o narrador-personagem descreve a trajetória que seguiu para chegar ao *status* de proprietário da fazenda São Bernardo. Percebe-se, no discurso do personagem, sua necessidade de reconhecimento:

Começo declarando que me chamo Paulo Honório, peso oitenta e nove quilos e completei cinquenta anos pelo S. Pedro. A idade, o peso, as sobrancelhas cerradas e grisalhas, este rosto vermelho e cabeludo têm-me rendido muita consideração. **Quando me faltavam estas qualidades, a consideração era menor.** [*idem*] (RAMOS 2013, p. 15)

Mediante o observado, pode-se perceber que a necessidade que Paulo Honório tem de reconhecimento é tão grande que ele admite características que não lhe agradam, sendo que posteriormente, já casado com Madalena, ele menospreza suas características físicas ao afirmar que era feio.

Paulo Honório anseia o poder, contudo, no capítulo três, o próprio narrador-personagem justifica sua necessidade, já nos deparamos com outra versão, a de um Paulo vitimado pelo abandono, como se vê a seguir:

Para falar com franqueza, o número de anos assim positivo e a data de S. Pedro são convencionais: adoto-os porque estão no livro de assentamentos de batizados da freguesia. Possuo a certidão, que menciona padrinhos, mas não menciona nem pai nem mãe. Provavelmente eles tinham motivos para não desejarem ser conhecidos. Não posso, portanto, festejar com exatidão o meu aniversário. Em todo caso, se houver diferença, não deve ser grande: mês a mais ou mês a menos. Isto não vale nada: **acontecimentos importantes estão nas mesmas condições.** [grifos nossos] (RAMOS 2013, p. 15)

Vê-se que, apesar de demonstrar o oposto, ele não aceita a ideia do abandono, e não admite ser um indivíduo vitimado, inferiorizado socialmente. Frente a isso, ele coloca-se num grau de importância, ao comparar-se a “acontecimentos importantes”.

Conforme Bosi (2012, p. 429) “o realismo de Graciliano não é orgânico nem espontâneo. É crítico. O herói é sempre um problema: não aceita o mundo, nem os outros, nem a si mesmo.”. Ele não é um homem dono de si, mas um produto social vigente da época, é contra tudo e todos que lhe ameaça, não suporta a ideia de ser dominado, portanto, domina.

De acordo Stegagno Picchio (2004), a maior preocupação de Paulo Honório é a conquista de uma propriedade (seja a terra de São Bernardo ou a mulher Madalena). Conflitante, Paulo mostra-se um enigma, é tão ganancioso quanto astuto, ao cobiçar as terras de São Bernardo faz-se amigo de Luís Padilha.

Tudo na vida de Paulo Honório foi por conveniência, a data de nascimento, as amizades, o casamento e até a escrita do livro, mas, independentemente disso ou não, tudo lhe pertencia, que por sua vez exercia domínio sobre suas conquistas, e, portanto, não deixaria ninguém tirar suas posses. O narrador-personagem menciona, Ramos (2013, p. 67):

Amanheci um dia pensando em casar. Foi uma ideia que me veio sem que nenhum rabo de saia a provocasse. **Não me ocupo com amores**, devem ter notado, e sempre me pareceu que mulher é um bicho esquisito, **difícil de governar**. [grifos nossos]

Diante disso, pode-se esboçar uma analogia, Paulo nada mais seria que um espelho, uma transfiguração social, que reflete somente aquilo que está em sua frente, precisa de luz, e, como sujeito, só é visto quando governa, e só consegue isso por meio de sua brutalidade, sendo assim, ele insere sua necessidade de governar em todas as áreas, física, mental ou emocional, tudo se resume à capacidade de poder.

Paulo ansiava casar-se, não por amor, mas porque desejava “preparar um herdeiro para as terras de S. Bernardo”, para esposa fantasiava apenas uma “criatura alta, sadia, com trinta anos, cabelos pretos”, no entanto, ao deparar-se com Madalena tanto a liberdade de escolha quanto parte do domínio que ele possuía são suprimidos, a principiar pelas características físicas da esposa.

## 4.2 Madalena: De proprietária a objeto de consumo

Madalena era uma “senhora moça, loura e bonita”, tinha “lindas mãos, linda cabeça” e “grande olhos azuis”, mostra-se, inicialmente na casa dr. Magalhães, acanhada, mas atenta às conversas; suas características, apesar de divergirem das que Paulo Honório fantasia, seduzem o fazendeiro. A esse respeito, Ramos (2013, p. 77; 80), fala:

De repente **conheci que estava querendo bem à pequena**. Precisamente o contrário da mulher que eu andava imaginando – mas agradava-me, com os diabos. **Miudinha, fraquinha**. [...] Percorri a cidade, bestando, impressionado com os olhos da mocinha loura e esperando um acaso que me fizesse saber o nome dela. [grifos nossos]

Diante da descrição de Madalena, feita por Paulo Honório, observa-se que ela diverge do que ele espera, um fator interessante é a forma que ele a descreve, as características citadas sugerem fragilidade, o que pressupõe que ele não a queria bem, o que o encantou foi à possibilidade de comando.

Madalena estudou dominava a oratória, mas não possui o direito à fala, devido ao despotismo do marido, o qual, posteriormente, reconhece a educação da esposa, quando este, referindo-se à escrita do livro, afirma, Ramos (2013, p.12), “se eu possuísse metade da instrução de Madalena, encoivarava isto brincando”. Nota-se aqui, tanto as habilidades de Madalena quanto a intimidação que as mesmas provocavam em Paulo Honório, visto que o mesmo reconhece sua inferioridade na escrita frente à esposa.

Madalena é respeitada e elogiada por todos, menos pelo marido que se sente incomodado com o conhecimento e ousadia da mulher, ele até conhece na esposa qualidades que lhe cativaram, mas por orgulho não as manifesta. Ramos explicita essa ideia (2013, p. 121):

Conforme declarei, Madalena possuía um excelente coração. Descobri nela manifestações de ternura que **me sensibilizaram**. E, como sabem, **não sou homem de sensibilidades**. [...] As amabilidades de Madalena surpreenderam-me. Esmola grande. Percebi depois que eram apenas vestígios da bondade que havia nela para todos os viventes. Paciência. [grifos nossos]

Como se vê, Madalena provocava em Paulo Honório sentimentos que ele não se permitia sentir, emoções contrárias às que ele almeja transmitir e que cultivava por uma vida, adversas às que lhe rendiam prestígios, ela lhe transmitia insegurança, era uma ameaça, pois para um patriarca que ambicionava posses, *status* de proprietário, sensibilizar-se seria inadmissível. Paulo Honório acreditava que se demonstrasse amabilidades perderia sua autoridade, que os demais não o obedeceriam.

### 4.3 Sujeito: relação de poder e opressão

*Não se trata de analisar o poder do ponto de vista de sua racionalidade interna, mas de pensar nas relações de poder a partir do confronto das estratégias de poder/resistência.*

Fonseca

Madalena foi criada pela tia d. Glória (p. 28) que se desprendia para dar conta dos muitos trabalhos necessários para sobreviverem e para os estudos da sobrinha. Eram pobres, mas ainda assim a jovem teve acesso à educação. Como afirma Ramos (2013, p. 136):

- Morávamos em casa de jogador de espada, disse Madalena. Havia duas cadeiras. Se chegasse visita, d. Glória sentava-se num caixão de querosene. A saleta de jantar era o meu gabinete de estudo. A mesa tinha uma perna quebrada e encostava-se à parede. Trabalhei ali muitos anos. À noite baixava a luz do candeeiro, por economia. D. Glória ia para a cozinha resmungar, chorar, lastimar-se. O hábito que ela tem de cochichar e caminhar nas pontas dos pés vem desse tempo. Dormíamos as duas numa cama estreita. Se eu adoecia, d. Glória passava a noite sentada; quando não aguentava o sono, deitava-se no chão.

Muitas jovens não tinham direito à educação, algumas poucas que conseguiram geralmente eram de famílias tradicionais, financeiramente privilegiadas, no entanto Madalena é uma exceção. As jovens eram desde cedo preparadas para o matrimônio. No século XX a cobrança não era tão alta quanto nos séculos anteriores, contudo ainda sim existia.

A sociedade sempre foi, e é, tipicamente patriarcal, onde a mulher sempre foi vista como um objeto, uma escrava que tem por senhor o homem, seja ele seu pai, esposo e/ou artista. Sendo elas desde cedo preparadas para o matrimônio, pois,

conforme Arruda (2009, p. 34), “o casamento era a realização social e econômica da mulher”, casando-se, tanto ela quanto sua família, estava financeira e socialmente segura. Sobre essa temática, Ramos (2013, p. 101 - 102) menciona que:

- Está aí. Resolvi escolher uma companheira. E como a senhora me enquadra [...] A senhora, pelo que mostra e pelas informações que peguei, é sisuda, econômica, sabe onde tem as vendas e pode dar uma boa mãe de família.

[...]

- O seu oferecimento é vantajoso para mim, seu Paulo Honório, murmurou Madalena. Muito vantajoso. Mas é preciso refletir. De qualquer maneira, estou agradecida ao senhor, ouviu? A verdade é que sou pobre como Jó, entende?

Como se vê, Madalena, assim como Paulo, casa-se porque lhe é convencional, não sente amor, tudo não passa de uma transição comercial. Ainda a respeito Ramos (2013, p. 106) relata:

Madalena soltou o bordado:

- Parece que nos entendemos. Sempre desejei viver no campo, acordar cedo, cuidar de um jardim. Há lá um jardim, não? Mas por que não esperar mais um pouco? Para ser franca, não sinto amor.

- Ora essa! Se a senhora dissesse que sentia **isso**, eu não acreditava. E não gosto de gente que se apaixona e toma **resoluções** as cegas. Especialmente uma resolução como esta. **Vamos marcar o dia**. [grifos nossos]

O casamento é um negócio, o amor um objeto qualquer que não merece nem ser pronunciado pelo narrador-personagem, é apenas **isso**, o negociante tem pressa, quando vê a possibilidade de um acordo, ele manda, para não dar oportunidade para arrependimentos, como já havia feito antes na compra da fazenda. Como assegura Ramos (2013, p. 30):

Para evitar arrependimento, levei Padilha para a cidade, vigiei-o durante a noite. No outro dia, cedo, ele meteu o rabo na ratoeira e assinou a escritura. Deduzi a dívida, os juros, o preço da casa, e entreguei-lhe sete contos quinhentos e cinquenta mil-réis. Não tive remorsos.

Diante disso, percebe-se que Paulo Honório sabe de sua condição de poder, e isso lhe agrada, lhe é vantajoso. Quanto a Madalena, apesar de acatar essa convenção social, a mesma é retratada como uma mulher *além do seu tempo*, não detém-se aos *afazeres* exigidos a uma mulher.

Os indivíduos retratados na obra de Graciliano são complexos, controversos, não detêm-se a suas posições, contudo, mesmo indo em direção oposta às conveções sociais, não passam de meros sujeitos. A esse respeito Fonseca (2003, p. 26) afirma:

Pode-se então dizer que o termo sujeito serviria para designar o indivíduo preso a uma identidade que reconhece como sua, assim constituído a partir dos processos de subjetivação. Esses processos, justapostos aos processos de objetivação, explicitam por completo a identidade do indivíduo moderno: objeto dócil-e-útil e sujeito.

O poder tem muitas faces, ele não pertence, ele é um instrumento que, na maioria das vezes, oprime, dá a ilusão de controle. Os personagens de *São Bernardo*, mesmo em “posse” do poder são oprimidos, são caricaturas sociais marginalizadas, retratam o que somos ou ao menos, como esperamos que sejamos, meras marionetes.

#### 4.3.1 O poder X poder: um paradoxo

Em *São Bernardo*, não se pode afirmar categoricamente a quem pertence o poder, sendo este subjetivo, já que Paulo Honório detém o poder financeiro, pois na condição de coronel faz-se *ouvido* e obedecido devido à força bruta com a qual conduz a todos, e sendo homem, numa sociedade patriarcal, sente-se soberano sobre a mulher Madalena, a qual possui o poder da informação, ela domina a oratória, debate política com veemência, mas não tem o direito à voz, socialmente falando.

Deste modo, pode-se dizer que o limite entre os discursos de dominador e dominado ora é imperceptível ora é espantoso, pois como pode-se perceber o poder e a opressão são faces de uma mesma “moeda”, sendo subjetivo alterna-se de personagem pra personagem. Segundo Fonseca (2003, p. 33), “a idéia de poder em questão seria do tipo proibir, inibir, restringir, reprimir, fazer calar, fazer ouvir”.

Paulo Honório é um capitalista proprietário de terras, mas não passa de objeto social, é manipulado tanto pelas adversidades quanto por ele mesmo. Enquanto que Madalena, uma professora socialista, humanizada, possui predicados de proprietária. Paulo manipula, mas é manipulado, já a esposa, mesmo silenciada, entende sua situação e luta contra a manipulação. Como apresenta Ramos (2013, p. 155 - 172) no excerto abaixo:

Comunista, materialista. Bonito casamento! Amizade com o Padilha, aquele imbecil. “Palestras amenas e variadas.” Que haveria nas palestras? Reformas sociais, ou coisa pior. Sei lá! Mulher sem religião

é capaz de tudo. [...] Misturei tudo ao materialismo e ao comunismo de Madalena – e comecei a sentir ciúmes.  
[...] “D. Madalena, seu Paulo embirra com o socialismo.”.

O poder é ilusório, diverge de pessoa pra pessoa, além de que uma única pessoa não consegue dominar todas as áreas sociais.

Paulo Honório sempre ambicionou posses, a terra, um herdeiro, mas depois do suicídio da esposa confessa que sempre lutou em vão. Conforme Fonseca (p. 92) “O desejo de conhecer a verdade sobre si mesmo exerce sobre o indivíduo um poder que o seduz e o faz confessar. Confessar aos outros e a si próprio.”.

Ao confessar, ele descreve a situação na qual se encontra. Ainda em *São Bernardo*, Ramos (2013, p. 216) escreve:

O que estou é velho. Cinquenta anos pelo S. Pedro. Cinquenta anos perdidos, **cinquenta anos gastos sem objetivo, a maltratar-me e a maltratar os outros**. O resultado é que endureci, calejei, e não é um arranhão que penetra esta casca espessa e vem ferir cá dentro a sensibilidade embotada. [grifos nossos]

O narrador mostra-se abatido, martiriza-se pela vida vã que teve, refere-se sempre ao passado, não demonstra nenhuma perspectiva, ao contrário, o martírio continua, onde o personagem se coloca numa condição animalesca. Conforme Ramos (2013, p. 216):

Cinquentas anos! Quantas horas inúteis! Consumir-se uma pessoa a vida inteira sem saber para quê! comer e dormir como um porco! Como um porco! Levantar-se cedo todas as manhãs e sair correndo, procurando comida! E depois guardar comida para os filhos, para os netos, para muitas gerações. Que estupidez! Que porcaria! não é bom vir o diabo e levar tudo?

Esse martírio é confessado, mas, como acontece em toda a obra, tudo que se tem é a palavra de Paulo Honório, pela qual leva o leitor a crer no seu sofrimento, contudo, o seu discurso é velado, passa por um filtro que ele controla, conforme se vê no trecho, “é o processo que adoto: extraio dos acontecimentos algumas parcelas” (Ramos 2013, p. 88).

#### 4.4 O silêncio delator

*Se é necessário o silêncio da razão para curar os monstros, basta que o silêncio esteja alerta, e eis que a separação permanece.*

*Foucault*

O silêncio não consiste somente no ato de não falar, não é simplesmente a ausência de palavras, mas a omissão, é o porquê escolher determinada enunciação e não outra. Para Orlandi (2011, p. 100), “o silêncio como dissemos não é o transparente. Ele é tão ambíguo quanto as palavras, pois se produz em condições específicas que constituem seu modo de significar”, o silêncio atravessa as palavras, provoca um despertar.

Paulo Honório silenciou-se na obra por não dominar o discurso que ele toma pra si, além disso, ele cala-se por soberania, para não recuar frente aos empregados. Como observa-se no excerto abaixo, onde Ramos registra (2013, p. 33):

Amanhã traga quatro homens, venha aterrar este charco. E limpe aqui o riacho para as águas não entrarem na várzea.

- Só?

Pensei que, em vez de aterrar o charco, era melhor mandar chamar mestre Caetano para trabalhar na pedreira. Mas não dei contraordem, coisa prejudicial a um chefe.

O narrador-personagem sente medo de expor-se e, assim, parecer fraco perante quem ele põe em posição inferior.

O silêncio é uma forma de opressão, pois ao calar-se o indivíduo cede a seus medos, põe-se numa condição de inferioridade ou de domínio, o silêncio possui diversas faces. De acordo com Orlandi (2011, p. 42), “Há silêncios múltiplos: o silêncio das emoções, o místico, o da contemplação, o da introspecção, o da revolta, o da resistência, o da disciplina, o do exercício do poder, o da derrota da vontade etc.”.

O silêncio na obra irrita, provoca, faz refletir, oprime, resiste, derrota e vence. No anseio de conseguir um herdeiro, Paulo Honório casa-se sem avaliar as particularidades da esposa, depois do casamento vai aos poucos conhecendo-a. Conforme Ramos (2013, p. 154):

Ignoro essas coisas, naturalmente, mas **desejei saber o que Madalena pensava a respeito** delas.

O vigário só fazia gritar.

Qual seria a opinião de Madalena?

- Aí padre Silvestre tem razão, concordou Godim.

A religião é um freio.

- Bobagem! disse Nogueira. Quem é cavalo para precisar freio?

Qual seria a religião de Madalena. Talvez nenhuma.  
**Nunca me havia tratada disso.** [grifos nosso]

Como se vê, ele anseia por informações sobre a esposa, uma vez que essa falta de informações o coloca em posição de inferioridade, pois lhe transmite uma insegurança, e isso, associado ao que ele sabe sobre ela, o faz oprimir-la, para assim, sentir-se no comando.

Madalena silenciou-se em diversas situações no decorrer da obra, por resistência ao marido. Segundo Ramos (2013, p.117):

Conheci que Madalena era boa em demasia, mas não conheci tudo de uma vez. Ela se revelou pouco a pouco, e nunca se revelou inteiramente. A culpa foi minha, ou antes, a culpa foi dessa vida agreste, que me deu uma alma agreste.

Como se vê, nesse trecho Paulo admite a integridade da mulher, mas o faz em tom de confissão, onde somente os leitores terão acesso, ninguém mais, mesmo assim ele não se culpa por isso, antes culpa a vida agreste, que lhe deu uma alma seca, vazia e incapaz de confiar ou demonstrar que confia em alguém. O silêncio também serviu ainda para confrontar o marido. Onde Ramos (2013, p. 188) relata:

- Para quem era a carta?  
 E olhava alternadamente Madalena e os santos do oratório. Os santos não sabiam, Madalena não quis responder.  
 [...]  
 Afirmei a mim mesmo que matá-la era ação justa. Para que deixar viva mulher tão cheia de culpa? Quando ela morresse, eu lhe perdoaria os defeitos.  
 [...]  
 - Fale, exclamei com voz mal segura.  
 - Para quê?  
 [...]  
 ... se Madalena quisesse, tudo se esclareceria. O coração dava-me coices desesperados, desejei doidamente convencer-me da inocência dela. [grifos nossos]

Ao não falar<sup>1</sup> ela o ameaça, não contra a vida do marido, mas contra sua posição; ela o insinua direta ou indiretamente, ele sente ciúmes, suspeita doentivamente dela e isso gera conflitos. Essa situação de desconfiança levou Madalena a não suportar, onde cansada da situação viria a protagonizar o ápice da história, o suicídio. É o que

---

<sup>1</sup> Falar não se refere, nesse caso, necessariamente ao ato de fala, mas sim ao sentido de justificar-se, de não ceder aos caprichos do marido, confrontando-o de forma bruta assim como ele faz, pois caso isso acontecesse ela poderia perder a autonomia intelectual. Ela influencia, mas não é influenciada.

se observa no relato abaixo, descrito por Ramos (2013, p. 194) sob a ótica de Paulo Honório:

Entrei apressado, atravessei o corredor do lado direito e no meu quarto dei com algumas pessoas soltando exclamações. Arredei-as e estaquei: Madalena estava estirada na cama, branca, de olhos virados, espuma nos cantos da boca.  
Aproximei-me, tomei-lhes as mãos, duras e frias, toquei-lhe o coração, parado. Parado.  
No assoalho havia manchas de líquido e cacos de vidro.

O suicídio de madalena redireciona as atitudes de Paulo Honório, primeiramente, foca no trabalho para distrair-se, depois, quando todos se vão, cada vez mais solitário, fica introspectivo, melancólico, desesperançado, questiona-se, de acordo com os escritos de Ramos (2013, p. 189, 192):

Palavras de arrependimento vieram-me à boca. Engoli-as forçado por um orgulho estúpido. Muitas vezes por falta de um grito se perde uma boiada.  
[...]  
Por que não acompanhei a pobrezinha? Nem sei. Porque guardava um resto de dignidade besta. Porque ela não me convidou. Porque me invadiu uma grande preguiça. [grifos nossos]

Nota-se, o remorço que ele sente, examina o que fez ou deixou de fazer, tanto em relação ao casamento como a respeito do que fez de sua vida, e esse questionar o desperta de sua condição animalesca, ele sente saudades de Madalena, não tem amigos e não tem contato com o filho. Mediante o ocorrido Ramos (2013, p. 219, 220) cita:

Hoje não canto nem rio. Se me vejo ao espelho, a dureza da boca e a dureza dos olhos me descontentam.  
[...]  
Penso em Madalena com insistência. Se fosse possível recomeçarmos... Para que enganar-me? Se fosse possível recomeçarmos, aconteceria exatamente o que aconteceu. Não consigo modificar-me, é o que mais me aflige.

Sendo assim, entende-se que mesmo em meio a essa reflexão de sua vida, apesar de seu despertar, o que de fato o aflige é reconhecer sua condição e, mesmo em declínio, compreender que não consegue mudar, fica clara nesse trecho a grande ironia presente, se ele afirma não conseguir mudar, então nada pode fazer o leitor crer em suas palavras tão conflitantes, uma vez que no decorrer da obra ele afirma, nega,

pensa e faz, tudo conforme lhe convém, talvez seu lado humano tão verossímil, com o qual o leitor identifica-se, seja o bastante para seduzir-lo e levá-lo a questionar esse enigma.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*A interpretação em si não precisa de defesa; sempre esta conosco, mas, como a maioria das atividades intelectuais, a interpretação só é interessante quando é extrema.*

*Umberto Eco*

Ao principiar da monografia falou-se em interpretação, em analisar as peculiaridades da obra, agora, ao encerrar esse capítulo biográfico pondera-se novamente como o falar de Eco a respeito, não basta interpretar se não o fizer livremente, a literatura possibilita ao seu leitor conjecturar.

Em *São Bernardo* há muito a se analisar, muito foi suprimido com a escolha do tema pesquisado, no entanto bastante se examinou e foi aprendido. Analisar uma obra literária é adentrar num bosque com trilhas bifurcadas, ao escolher um percurso o leitor deixa de lado outras possibilidades, necessita-se de atenção para não perder-se em meio à neblina.

*São Bernardo* é uma obra inquietante com muitos planos de sentido, trata-se de um romance claro e objetivo com muitas possibilidades de leitura da realidade. Nessa análise, foi possível examinar três categorias de análise, objetivando desvelar o humano da obra, uma vez que a obra de Graciliano Ramos apresenta um desmascaramento social.

A obra, como foi mencionado, enquadra-se na segunda fase modernista e caracteriza-se pela representação do meio social, ela traz em si o humano, sem

ornamentos e com uma linguagem concisa o romance expõe uma sociedade, burguesa e patriarcal, de aparências.

Seus personagens, tipos sociais, representam um grupo social inserido uma realidade conflituosa e real, não há como separar arte e sociedade, já que, tanto o enredo quanto os personagens são transfigurações do real. A obra é dotada de realidade, não se trata de uma mera “inspiração” advinda de um “dom” que o artista tem, mas de um trabalho elaborado numa determinada língua e época, inseridas em um contexto, trazendo em si marcas culturais.

Na tessitura textual da obra, foi focalizado o discurso dos personagens protagonistas – Paulo Honório e Madalena –, suas falas, significados e valores. A língua utilizada é prática, aproximam-se língua escrita e falada, afinal o autor/narrador não queria um romance em língua de Camões.

A narração em primeira pessoa e a semelhança entre escrita e oralidade na obra, confere ao leitor noção de realidade. No entanto, apesar da linguagem objetiva há na obra um emaranhado de conflitos internos, uma transição entre presente e passado, razão e emoção, feminino e masculino, o dito e o não dito,

Os discursos das personagens apresentam contradição entre dominador e dominado, que ora é Paulo Honório ora é Madalena, há uma espécie de transgressão: o narrador-personagem sucumbe aos sentimentos, emoções geralmente femininas, perde-se em seus pensamentos, já Madalena, é racional, domina a oratória e sabe política.

Essa dualidade nos discursos muitas vezes é transmitida pelo silêncio, não o silêncio dicionarizado, mas enquanto manifestação do discurso, o silêncio significa, não é somente a ausência de palavras, o vazio, mas o ocultar delas, o escolher uma e não outra. O silêncio grita, as palavras podem ser corrompidas por quem as fala para melhor conduzir seu ato enunciativo, mas o silêncio não, ele sugere e incomoda, faz pensar.

Ao narrar Paulo Honório tem a “palavra” a seu dispor, mas não a domina, ele “se” silencia e silencia aos demais para garantir seu poder, mas ao fazer isso se oprime, pois sucumbe as normas ditadas pela sociedade em busca de aceitação, já Madalena ao silenciar assim o faz por dominar a oralidade, seu silêncio desafia o esposo, que se sente ameaçado. Sendo assim, há uma disputa, silenciosa e real, pelo poder.

Portanto, pode-se dizer que o silêncio é uma forma de poder e opressão e, que o mesmo tanto levou Madalena quanto Paulo Honório ao suicídio, Madalena ao físico, pois a recordação de sua presença como seus conhecimentos permaneceram na memória do esposo, e Paulo Honório ao psicológico, introspectivo, entra em conflito existencialista, não não sabe o rumo a seguir, passado e presente, realidade e sonho, são a mesma coisa, ele e a história são um enigma a ser desvendado ou, quem sabe, simplesmente admirado.

Sendo assim, pode-se concluir que o poder não pertence a um ou a outro, ele passa pelos indivíduos lhes conferindo possibilidades de domínio ou não, o poder atravessa o sujeito como agente social e o individualiza, põe ele sobre holofotes e isso o seduz, conduzindo-o por um caminho, geralmente, tortuoso, onde o silêncio, seja de opressão ou de resistência, impera.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR e SILVA, Vitor Manuel de. **Teoria da Literatura**. 8 ed. Coimbra: Almedina, 1999.

BARTHES, Roland. **Crítica e Verdade**. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

\_\_\_\_\_. **O que é a literatura**. Trad. Nestor de Sousa e Irineu Garcia. Rio de Janeiro: Salvat Editora do Brasil S.A, 1979.

Bíblia Sagrada. Trad. João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: King`s Cross Publicações, 2006.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 48 ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 9 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

\_\_\_\_\_. **A Personagem de Ficção**. 11 ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.

COUTINHO, Afrânio. **A Literatura no Brasil: era modernista**. 7 ed. São Paulo: Global, 2004.

\_\_\_\_\_. **Introdução à Literatura no Brasil**. 18 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

COMPAGNON, Antoine. **Literatura para quê?**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

CULLER, Jonathan. **Teoria Literária: uma introdução**. São Paulo: Editora Beca, 1999.

ECO, Umberto. **Interpretação e Superinterpretação**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

\_\_\_\_\_. **Seis passeios pelo bosque da ficção**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

FONSECA, Márcio Alves da. **Michel Foucault e a constituição do sujeito**. São Paulo: EDUC, 2003.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 11 ed. São Paulo: Loyola, 2004.

\_\_\_\_\_. Linguagem e literatura. In: MACHADO, Roberto. **Foucault, a Filosofia e a Literatura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

GERHARDT, Tatiana Engel et al. Estrutura do projeto de pesquisa. In. \_\_\_\_\_; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

ORLANDI, Eni P. **Análise do Discurso: princípios e procedimentos**. 8 ed. Campinas, SP: Pontes, 2009.

\_\_\_\_\_. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 6 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.

PROENÇA FILHO, Domício. **A linguagem literária**. 5 ed. São Paulo: Editora Ática, 1995.

RAMOS, Graciliano. São Bernardo. 94 ed. Rio de Janeiro: Record, 2013.

REIS, Carlos. **O Conhecimento da Literatura: Introdução aos estudos literários**. 2 ed. Coimbra: Almeidina, 1999.

SAMUEL, Rogel. Manual de Teoria Literária. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

SILVA, Marisa Corrêa. Crítica Sociológica. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (Org.). **Teoria Literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. 2 ed. Maringá: Eduem, 2005.

STEGAGNO PICCHIO, Luciana. **História da Literatura brasileira**. 2 ed. Nova Rio de Janeiro: Aguilar, 2004.

ARRUDA, Luiza Valentina Pereira de. **Lucíola**: A ambigüidade na construção da personagem. Dissertação (Mestrado em Literatura e Crítica Literária). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

ARRÁIZ, Pedro Morazzani. Publicação de Artigo científico: **São Bernardo de Claraval**: Monge, místico e profeta. Revista Arautos do Evangelho. Agosto/2006, n. 56, p. 22 à 25. Disponível em: <http://www.arautos.org/artigo/6414/Sao-Bernardo-de-Claraval--Monge--mistico-e-profeta.html>. Acessado em: 21 de jul de 2014.

AZEVEDO, Sara Dionizia Rodrigues de. **Formação discursiva e discurso em Michel Foucault**. Disponível em: <http://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/FILOGENESE/saraazevedo.pdf> Acessado em: 04 de Nov de 2014.

INSTITUTO DE QUÍMICA. A Coruja e a Sabedoria. Instituto de Química. UFRJ. 2010. Disponível em: <http://www.iq.ufrj.br/descomplicando-a-quimica/328-a-coruja-e-a-sabedoria.html>. Acessado em: 21 de jul de 2014.

NÓBREGAI, G. M.; SANTOSII, A. O. **O Poder (Circulante) em São Bernardo, de Graciliano Ramos**: Um Recorte Foucaultiano. In: ENCONTRO DA ABRALIC Internacionalização do Regional, 8., 2012, Campina Grande, PB. Publicação de Artigo científico... Campina Grande, PB: UEPB/UFCG, 2012. Disponível em: < [http://www.editorarealize.com.br/revistas/abralic/trabalhos/3f891de1486dc225da4493b616f62d20\\_59\\_105\\_.pdf](http://www.editorarealize.com.br/revistas/abralic/trabalhos/3f891de1486dc225da4493b616f62d20_59_105_.pdf) >. Acesso em: 01 Maio. 2014.

O SIGNIFICADO DO SEU NOME. O significado e a origem do seu nome e dos nomes dos seus amigos e familiares. S.d. Disponível em: <http://abelhas.pt/Helena1966/Livros/livro-significado-nomes,352312.pdf>. Acessado em: 21 de jul de 2014.



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA  
“JOSÉ ALBANO DE MACEDO”**

**Identificação do Tipo de Documento**

- ( ) Tese  
 ( ) Dissertação  
 (X) Monografia  
 ( ) Artigo

Eu, Geanice da Silva Sousa,  
 autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de  
 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar,  
 gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação  
Os Atravessamentos do silêncio do poder e da opressão no  
discurso de personagens em São Bernardo, de Graciliano Ramos  
 de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título  
 de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 22 de Janeiro de 20 15.

Geanice da Silva Sousa  
 Assinatura

Geanice da Silva Sousa  
 Assinatura